

## O PEQUENO AVENTAL

Charlene Ann Baumbich  
Em Mama Sald Thered Be Days Like This  
[Mamã Disse Que Haveria Dias Assim]

Todos nós temos pertences que não têm valor algum nesta vida, mas, no momento em que os vemos, muitas lembranças inundam nossa mente. Tenho muitos desses objetos e os mantenho sempre à vista. Alguns me confortam, outros me fazem rir. Sua abrangência é das mais variadas - de uma pedra a fotos.

Há pouco tempo, perdi um desses objetos: um canivete em uma bainha verde, que não media mais do que oito centímetros. A lâmina tinha o formato de um sabre e era incrivelmente afiada. Esse canivete pertenceu a minha avó, e eu gostava de tê-lo comigo.

Imaginava, com frequência, o que vovó deve ter feito com ele: fatiado, cortado, parafusado, aberto uma fenda ou espetado.

George e eu o usamos um pouco antes dele sumir. Estávamos de férias, fatiamos um salame e, logo depois, o canivete desapareceu.

Outro de meus objetos favoritos é uma pedra de cerca de 15 cm de diâmetro, que fica em um pedestal em nossa sala. Mamãe a fogueou no fundo de um lago na última vez que fomos pescar juntas.

Alguns meses depois da morte de mamãe, fui dar uma olhada em seus pertences. Examinei tudo o que havia no armário, cabide após cabide. Certos eventos e passeios foram acionados pelas roupas dela e, de repente, lá estava ele: o pequeno avental. Era uns desses aventais parecidos com os que as crianças usam, sem mangas, com laços nas costas e um bolso bem na frente. Provavelmente, era de algodão, mas não tenho certeza. Comecei a chorar imediatamente. Mal podia olhar para ele. A dor, muito próxima ainda, era aguda.

Mamãe gostava de se divertir e amava sua casa, seus afazeres e seus compromissos. Ela amava fazer as coisas para nós e, com frequência, usava aquele avental quando nos preparava algumas surpresas. Esse avental parecia um farol sinalizando lembranças que jamais aconteceriam.

O avental surrado está agora pendurado em meu escritório, uma lembrança silenciosa de um tempo bem utilizado com afazeres: descascar batatas; fazer sua especialidade, torta de abacaxi com merengue; plantar sementes de abóbora nos montículos de terra preta, cheia de nutrientes, que fazia com as mãos; passar o aspirador de pó afobadamente, quase em pânico, antes de a turma toda voltar para casa; presentear-nos com galinha caipira frita, purê de batatas e milho cozido (do quintal, é claro) e o melhor molho branco de frango, guarnecido com pedacinhos crocantes da gordura que grudara na panela, que alguém já experimentou.

O avental também traz à mente lembranças de sua coragem: quando enfrentou o vendedor de sapatos que tentava convencê-la de que a culpa por sua menina estar com bolhas no pé era nossa; ou quando atirou em uma raposa que invadiu nosso porão; quando dirigiu uma caminhonete de entregas, aos nove meses de gravidez, para ajudar o novo negócio de meu pai a não afundar; ou quando se tornou e uma mulher de negócios pela

primeira vez, após os 50 anos de idade e, ainda, quando despejou uma vasilha de ponche sobre a cabeça de uma loira fatal que já flertara muitas vezes com meu pai...

O avental representa chá quente e melancia gelada. Lavar e passar roupa impecavelmente. Pirulitos quando ficávamos doentes, pipoca no domingo à noite e limonada fresca quando estávamos bem de saúde. Lembranças do aroma dos lírios do campo, com os quais mamãe, uma vez por ano, se perfumava, quando um novo lote de perfumes era lançado no mercado. Invoca lembranças de minha mãe segurando o primeiro neto bem junto ao peito e chorando.

E as risadas. Gargalhadas sem fim que brotavam tão rapidamente de seu espírito generoso e cheio de alegria.

Agradeço a Deus por esse símbolo de maternidade. E, como o canivete, o avental também desapareceu dia desses, pois, embora saiba que isso me entristece, sei que nunca perderei as lembranças gloriosas que os objetos sem valor nesta vida me trazem - na verdade, eles fazem menção de tudo o que importa neste mundo.